Resenha
Paulo Ghiraldelli Jr., org. O que é Filosofia da Educação?
Antonio Basílio Novaes Thomaz de Mendes*

Da acepção de paisidía na Antiguidade Clássica às reflexões contempo-
ranas levantadas, por exemplo, em Les technologies de l’intelligence
(Levy, 1990), muitas dosas referências à Educação na história da Filosofia.
Fundamentais em muitos casos, como se encontra assinalado na organização
da polis na República de Platão ou na compreensão da analítica do poder
em Surveiller et punir [Foucault, 1979], qualquer referência se torna
problemática quando a Filosofia da Educação é enunciada como um
campo específico de saber.
Reconhecida como tal em outras áreas do conhecimento, ela é
considerada senão que para a própria Filosofia como um saber menor.
Hoje a reflexão filosófica sobre a Educação tem o mesmo estatuto daquele
desenvolvido no campo da Matemática ou sobre os fundamentos filosó-
ficos de qualquer outro tipo de saber. Ela se constitui em algo de pouco
interesse para o campo filosófico ou, quando não, em algo incom-
preensível, acusada de fazer simplificações pelas especificidades que
apresenta, a partir do qual que se quer como ele elemento filosófico.
É dentro deste quadro, portanto, que se torna clara a necessidade de
recuperar este tipo de reflexão aquilo que lhe é mais próprio. Isto
significa, voltar-se para a pergunta inicial que caracteriza: O que é a
Filosofia da Educação?, ou seja, voltar-se para o seu estatuto e
características na sua condição mais fundamental.
Uma visão geral sobre o sumário do livro, organizado por Ghiraldelli
Jr. Com autores brasileiros e estrangeiros, logo re-vê-la ao leitor a
delimitação histórica da pergunta-tema, a pluralidade dos seus enfoques
e a sua pertinência no quadro de compreensão das práticas pedagógicas.
A Filosofia da Educação como forma de saber constitui um campo
de conhecimento que surge com a modernidade simultaneamente ao
advento da noção de criança. Configurada a partir de um contexto
recente, mas com fortes referenciais históricos, ela não possui uma
perspectiva única, sendo basicamente divíduida em dois modos de
argumentação, um que volta-se para a aplicação de algum autor ou
filosofia no campo da Educação e outro que, tematizando-a, procura

* Departamento de Filosofia - UFRN
Princípios UFRN Nautal v.7 n.8 p.127-129 jan./dez. 2000
estabelecer um campo próprio de problematização e análise. Sendo que, em ambos os casos, têm-se em decorrência as distintas perspectivas de fundamentação e de crítica das práticas educacionais.

Assim, pautando a discussão da pergunta-tema que orienta a composição do livro, encontramos os autores agrupados em três eixos diferentes: Sócrates: o eixo da abordagem histórica (Ghiraldelli; Smeyers & Marshall; Burbules; Severino), quando o objeto de análise está situado em relação ao quadro temporal da sua problematização; o eixo da abordagem autoral (Hermann; Gallo; Peters; Cunha), no qual o filósofo se constitui no principal instrumento de compreensão do campo educacional e, finalmente, o eixo da abordagem epistêmica (Mazzotti; Ericson), que problematizava a fundamentação e orientação da Filosofia da Educação como um campo de saber autônomo.

De um modo mais detalhado, o leitor encontra sob cada eixo deste abordagens distintas, mas que assinalam uma certa complementaridade. Desta feita, na abordagem histórica tem-se a delimitação da pergunta-tema a partir dos diferentes aspectos estabelecidos no contexto característico de sua própria formulação. Ao passo que, na abordagem autoral, são dadas as condições de apropariação dos autores distintos num mesmo plano de problematização filosófica-educacional. E, finalmente, na abordagem epistêmica têm-se as diversas óticas através das quais se colocam os pressupostos específicos do seu campo de saber.

Com isto, o livro reserva um desafio nas suas várias entradas ou na concepção em aberto que apresenta a sua estrutura. Cabe ao leitor estabelecer as aproximações e as diferenças possíveis entre cada um dos autores tal como eles descreverem a sua temática em cada eixo de análise.

À exemplo disto, a abordagem histórica revela a discussão metafilosófica encetada por Paulo Ghiraldelli (7-88) no mesmo horizonte das dúvidas pré-modernas assinaladas por Nicholas Burbules (121-138), da descrição da filosofia da educação no início do século XX de Paul Smeyers e James Marshall (89-120) e do estudo de uma trajetória brasileira traçada por Antonio Joaquim Severino (263-326).

Do mesmo modo, a abordagem autoral reúne em torno da análise da apropariação o artigo de Nadja Hermann (139-156) sobre a "provação" de Nietzsche, as notas de leitura de Silvio Gallo (157-186), a reflexão sobre Wittgenstein de Michael Peters (225-256) e o exame da influência de Dewey na Escola Nova brasileira, de Marcus Vinícius Cunha (247-264).

Por fim, a abordagem epistêmica traz para um mesmo plano de elaboração os elementos constitutivos de um saber com estatuto próprio, explicita na preocupação de Tasso Bonilha Mazzotti (185-204) em torno
da pergunta por uma outra filosofia, como também na problematização de David Ericson (205-224) ao campo de atuação ou de uma orientação para a filosofia da educação.

Resta ao leitor, portanto, estabelecer a sua própria forma de entrada no texto e delinear através dos seus argumentos as relações e críticas pertinentes a cada estrutura problematização. Quem sabe, dessa maneira, este trabalho propicie uma compreensão mais clara da Filosofia da Educação e, por sua vez, a recoloque definitivamente no horizonte do debate filosófico.